



Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB  
V.15 nº1 / janeiro-junho de 2016  
Brasília  
ISSN: 2447-2484



**VIS**  
**Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB**  
**V.15 nº1/janeiro-junho de 2016**  
**Brasília**  
**ISSN- 1518-5494**  
**ISSN (versão eletrônica) – 2447-2484**

## UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

### REITOR

Ivan Marques de Toledo Camargo

### VICE-REITORA

Sônia Nair Bão

### INSTITUTO DE ARTES

#### DIREÇÃO

Ricardo José Dourado Freire

### DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE

Belidson Dias

### CHEFIA

Biagio D'Angelo

### REVISTA VIS

#### Editor Responsável

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

### EDITORES AH DOC

Maria Beatriz de Medeiros

### CONSELHO EDITORIAL:

Belidson Dias.

Daniela Fávaro Garrossini

Emerson Dionisio G. de Oliveira.

Luciana Hartman.

Marcus Mota.

Maria Beatriz de Medeiros.

### CONSELHO CONSULTIVO

Anita Sinner, Concordia University.

Graça Dos-Santos, Université Paris Ouest

Nanterre La Défense.

Jorge Coli, Universidade Estadual de Campinas.

Luis Sérgio Oliveira, Universidade Federal

Fluminense.

Luiz Cláudio da Costa, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Philippe Brunet, Université de Rouen.

Raimundo Martins, Universidade Federal de

Goiás.

Ricard Huerta, Universidad de Valencia.

Rita Irwin, University of British Columbia.

Suzete Venturelli, Universidade de Brasília.

### CAPA

Pedro Ernesto Freitas Lima

#### Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VIS: publicação eletrônica do Programa de Pós-graduação em Arte. Universidade de Brasília.  
Departamento de Artes Visuais. Instituto de Artes. – v.15, n.1 (2016) – Brasília: UnB,  
2016-

v.

Semestral

Disponível: [http:// http://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/index](http://http://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/index)

ISSN 2238-5436

ISSN 2447-2484

1. Artes Visuais: Periódicos. 2. Artes Cênicas. 3. Educação e Linguagens Visuais. I.  
Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em Arte.

CDU: 7 (05)

## SUMÁRIO

### EDITORIAL

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

**DOSSIÊ – Composição/Decomposição (na performance e na arte de rua) e/ou arte como política.** Maria Beatriz de Medeiros (org.)

**Performance e disrupção: arte-ativismo *hacker***

Daniel Hora

**Refazer o corpo e libertar-se do espetáculo: sugestões de Gordon Craig e Étienne Decroux para composições em Des-Atos**

Bya Braga

**Rasgos e Véus**

Claudia Washington

**A pesquisa em artes do corpo na academia**

Renato Ferracini

**Arquivagem pelo *eu-arquivo* Vitoriamario**

Lúcio de Araújo

**Processos artísticos conviviais e suas aproximações com o procedimento etnográfico**

Erika Ramos de Jesus Santana, Maicyra Teles Leão e Silva, Raul Henrique Araújo Santos

**Vínculo Zero. Performance, convergência e impossibilidade**

Maria Beatriz de Medeiros, Mariana Brites

**Performalteridades: vídeo-danças para ninguém**

Luisa Günther

### COLABORAÇÕES – TEMA LIVRE

**O campo expandido do pornô: Robert Mapplethorpe, a delicadeza, o detalhe**

Moisés Oliveira Alves

**A sombra de Victorine**

Annateresa Fabris

**The Educating Role of Visual Arts**

Sandra Palhares

**A Póetica da obra *Efecto Mariposa***

Anelise Witt

**A influência do material e da técnica na arte contemporânea**

Lenora Rosenfield

**A virada pedagógica da arte e o trânsito de identidades de artista-educador**

Tatiana Fernández

**ENTREVISTA**

**La biblioteca de Babel. Uma conversa com Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski**

Daniel Steegmann Mangrané, Michelle Farias Sommer

## Editorial

Ações performativas, fotografia, interação, ativismo *hacker*, pedagogias visuais, vídeo-dança e outros temas marcam esta nova edição da VIS. Em abordagens críticas, os autores exploram a intersecção entre arte e política, nas dimensões da criação, circulação e educação.

“Composição/Decomposição (na performance e na arte de rua) e/ou arte como” é nome dado por Bia Medeiros ao dossiê, organizado por esta importante artista-pesquisadora. Temos oito artigos devotados à performatividade, tanto enquanto expressão poética, como condição de ação no mundo. Em seu artigo, Daniel Hora expressa essa condição ao debater o arte-ativismo *hacker*, em sua condição de “guerrilha”, *disrupção*: processo que explora as estruturas que sustentam os agentes opressivos, a fim de demonstrar suas contradições e se apropriar de suas lógicas de modo crítico. A circulação da arte como ação que contamina e dissemina-se é um elo entre as pesquisas de Hora, de Luisa Gunther e de Lúcio de Araújo.

Araújo apresenta-nos *Vitoriamario*. Um eu-plural, nos limites entre a condição crítica autoral e a dissolução da subjetividade. Um ser-arquivo, anárquico, de uso coletivo, conduzido pela lógica do desvio e da insubordinação. Gunther debate a condição receptiva na criação artística (*performalidades*) a partir da vídeo-dança, como eixo para a composição coreográfica de performances e ocupações do espaço público. Nessa direção, a pesquisadora questiona sua própria narrativa como condição poética: “este artigo poderia ser uma performance?!”. Uma questão que, certamente, acha-se contemplada no artigo de Renato Ferracini, cujo trabalho nos apresenta reflexões sobre o lugar da produção artística diante dos protocolos, modos de fazer, da pesquisa acadêmica.

O corpo como ação é condição para *Vínculo Zero* de Bia Medeiros e Mariana Brites. A partir da imprevisibilidade e da ruptura no/do cotidiano, as autoras apresentam “corpos vagabundos” como modo de des-programar a experiência poética. Já Claudia Washington investiga a condição tátil em sua produção. Ela toma “rasgar” como potência necessária à arte para produzir o indizível no/do mundo: “Rasgar subentende o limite, algo *entre*, que será o objeto do rasgo, desencadeando a partir daí relações antes impossíveis. ”

Bya Braga discute as contribuições de Gordon Craig e Étienne Decroux para ação teatral, frente sua condição performativa. Condição que imputa à reflexão sobre a ficção da cena, onde o ator/performer é conduzido à ação sobre si mesmo, seu corpo, podendo sinalizar uma conduta de questionamento da própria produção artística ou, no limite, de uma não-arte. A narratividade ficcional, em uma perspectiva etnográfica, é o mote do artigo de Erika Santana, Maicyra Silva e Raul Santos. Eles debruçam-se sobre o projeto *Olhar Forasteiro*, cujas cenas emergiam do compartilhamento de narrativas em pequenas comunidades do Centro-Oeste.

Além do dossiê, esta edição acolhe seis artigos. A fotografia é o ponto comum entre os trabalhos de Annateresa Fabris e Moisés Alves. Enquanto Alves nos brinda com uma delicada discussão sobre a potência do detalhe nas obras de Robert Mapplethorpe, Fabris funde literatura, loucura, pintura e fotografia para nos apresentar o romance *Obscura* de Régis Descott: a história de um assassino obcecado com os quadros de Manet. Por sua vez, Anelise Witt ocupa-se da obra *Efecto Mariposa* de Patricio Gonzalez, analisada pelas lentes do conceito de *explosão* de Lúri Lótman.

Lenora Rosenfield, Sandra Palhares e Tatiana Fernández dedicam-se a diferentes pedagogias. Rosenfield explora em seu artigo a dimensão técnico-material na criação artística e, por conseguinte, na própria narrativa da história da arte. Palhares critica como o ensino das artes nos currículos europeus da educação formal permanece secundário, ao mesmo tempo em que toda uma indústria cultural e instituições sociais ampliam sua presença. Fernández apresenta-nos a virada pedagógica, como forma de compreender as intersecções políticas entre ação criadora e ação educadora, abrindo-se para “novas formas de entender o papel do sujeito artista em trânsito com o sujeito educador que se realiza como sujeito investigador produzindo ideias, formas e situações para o mundo.”

Para finalizar, o artista Daniel Steegmann Mangrané e a curadora Michelle Sommer entrevistam a filósofa Déborah Danowski e o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. A entrevista entremeou arte e o pensamento dedicado ao “perspectivismo ameríndio”, transportando-o para a dimensão que problematiza a distinção entre obra de arte (observada) e espectador (observador).

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Editor